

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGANDA,
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA ◻ ◻ ◻

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VIII
II SERIE

ABRIL 1924
N.º 142

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

O TURISMO EM PORTUGAL

E OS SERVIÇOS OFICIAES

APRESENTA-SE-NOS hoje a oportunidade de, novamente, nos occuparmos dos serviços officiaes do turismo em Portugal.

D'esta nossa apreciação — que vae ser feita sob uma forma generica — não pode inferir-se outra interpretação que não seja a dictada pelo nosso raciocínio, que apenas tem em vista chamar a atenção dos poderes superiores da governação publica para um estado de coisas absolutamente inaceitavel e prejudicialissimo para os mais vitaes e legitimis interesses nacionaes.

Isto posto, vamos fazer por dar corpo ao nosso pensamento, com a possivel fidelidade.

Em Portugal, não obstante os esforços que teem sido empregados pelo Director da Repartição de Turismo, e contrariamente á admiravel tenacidade da Sociedade Propaganda e á persistencia d'esta Revista durante os seus quasi oito anos d'existencia, desconhece-se, por assim dizer, o valôr do turismo. D'ahi, o alheiamto completo que existe pela incomparavel estrutura d'essa portentosa industria, cuja complexidade só é dado ser comprehendida por aqueles que ao estudo das con-

dições para o desenvolvimento d'essa riquissima fonte de perenes receitas, tem dedicado a melhor das suas horas de repouso, entusiasmados, sómente, pela idéa humanamente patriótica de valorisar todas as excelsas belezas com que o Divino Creador dotou este incomparavel Paiz.

Pouca gente em Portugal sabe, sequer, aquilatar a importancia do turismo. Então nos chamados «*homens publicos*» — d'esses que se teem dedicado á *administração politica* do Estado, nenhum se encontra que, por qualquer simples providencia, tenha mostrado — apenas — interessar-se por tão magno assumpto.

Como consequencia logica d'esta extraordinaria ignorancia, nada ha feito para valorisar a industria do turismo em Portugal; nenhuma medida governativa foi ainda decretada que tenha surtido um resultado pratico; criterio algum se manifestou, no intuito de se atingir o unico fim por que combatemos.

A prova d'estas asserções encontra-se facilmente na mais desastrada providencia tomada por um dos muitos ministros do Comercio, em virtude da qual a Repartição de Turismo — note-se bem: *a unica enti-*

dade oficial que para o cumprimento da sua especialissima missão devia ter uma completa autonomia — ficou subordinada á... Administração Geral das Estradas !!!

E' pyramidal, como providencia governativa; é grotesco e irrisorio como medida de fomento.

Evidente era, pois, que as consequências d'esse «sapiientissimo» criterio não haviam de tardar a manifestar-se. Elas ahi estão, ainda hoje, bem patentes, para justificarem, por si sós, o que é a maior incompetencia aliada á mais refinada e estúpida absorpção politica e á mais chata e completa ignorancia.

Acabou-se com o conselho de turismo; tirou-se à Repartição a ele imediatamente subordinada a autonomia que lhe era absolutamente necessaria para a sua independente acção e foi se entregar essa mesma Repartição (que já por defeitos d'origem, tinha um ambito restricto para acionar) á superintendencia dominadora da... Administração Geral das Estradas.

Isto é... *ultra-criterioso*; e, talvez por isso mesmo, não comprehendido pelas pessoas alheias ao sábio espirito do legislador. O que ha a notar é a dedução logica a que se chegou certamente, para justificação d'essa sábia deliberação governativa...

E' claro que essa Repartição ficou subordinada á Administração Geral das Estradas, como poderia ter sido anexada á Administração dos portos, dos correios e telegrafos, das alfandegas ou mesmo dos Caminhos de ferro, pois todos estes ramos d'actividade interessam e prendem-se directamente á industria do Turismo. E se tal não aconteceu, foi sem duvida — porque... não calhou; porque, então, não houve modificação a fazer n'essas outras administrações. Portanto, aproveitou-se a concessão da autonomia dada aos serviços de estradas e, prompto—como consequencia d'um raio de luminoso espirito—encaixou-se na respectiva administração o serviço do Turismo, que pomposamente constitue um complemento do titulo da Administração que rege, domina e determina, os serviços das estradas.

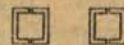
D'est'arte chegámos — como não podia-

mos deixar de chegar — á situação mais do que precaria, porque é cahotica, de tudo quanto se relaciona com o turismo, e sobre o que a Repartição de Turismo devia ter uma directa e imediata preponderancia. E tanto assim é que, tendo sido creadas por lei as Comissões d'Iniciativa sobre aa quais aquela Repartição devia exercer uma directa fiscalisação, segundo o estipulado no artigo 8.º d'essa lei, ella nem sequer pode propôr uma modificação ao regulamento que vitalisa a mesma lei, de forma a determinar a acção d'essa fiscalisação e muito menos a pessoa que a deve exercer, pois nenhuma das condições a lei prevê para o exercicio d'esse cargo, nem, tampouco, até onde ele é extensivo. O resultado é que a Repartição de Turismo desconhece o que essas comissões teem feito.

Não é, pois, para admirar que, tendo sido descuradas coisas de tão elementar principio, não tenha ainda havido a preocupação de se cuidar d'outras cuja importancia é manifesta até para o nosso proprio prestigio, como sejam: a fiscalisação do embarque ou desembarque dos passageiros, principalmente nos caes maritimos, onde ha sempre scenas degradantes para a civilisação que representamos; a dos hoteis; a dos serviços dos transportes, terrestres e fluviaes; a dos alfandegarios e emigratorios nas fronteiras e nos portos, a de propaganda, e tantos outros que seria fastidioso enumerar e que só a pratica pode e deve indicar.

Em ultima analyse: a situação actual é deprimente para todos; urgindo pois que o governo, no mais directo, proveitoso e immediato interesse da Nação, modifique, por uma forma radical, este estado de coisas, fazendo com que—no que toca ao turismo, que é o que aqui defendemos — os serviços que lhe dizem respeito girem em torno do natural eixo, que se acha presentemente deslocado.

JOSÉ LISBOA



AS COMISSÕES D'INICIATIVA

E A AÇÃO QUE DEVEM DESENVOLVER

Como foi dito no ultimo numero d'esta Revista, a Sociedade Propaganda de Portugal, no intuito patriotico de bem cumprir a sua especial missão, resolveu nomear um delegado para, junto dos seus representantes nas Comissões d'Iniciativa, mais directamente lhes prestar a assistencia moral que, segundo parece, se torna necessaria para o bom exito da acção que foi por lei destinada a essas comissões.

Recahiu a escolha d'esse delegado na minha pessoa (no que creio a benemerita Sociedade não foi muito feliz) talvez pelo facto de ser o auctor dos estudos ha tempo publicados n'esta Revista sobre a constituição dos nucleos regionaes, e, tambem, pelo meu contacto com o que — pelas necessidades do officio — a tal respeito se passa lá fóra, sobretudo em França; o que não quere dizer que eu possa ou deva influir, suggestionar ou aconselhar a applicação em Portugal dos processos que em França teem dado bom resultado, mas que no nosso Paiz possivel é que não surtissem efeitos analogos.

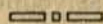
Na nossa terra, o valôr do turismo é — por assim dizer — ainda desconhecido; as condições d'adaptação que essa industria exige, são diferentes e variam facilmente.

Assim, o conhecimento do que se passa no estrangeiro apenas pode servir de subsidio para um estudo mais demorado sobre as modalidades a que essa adaptação tem de obedecer, para tornar pratica e proficua, especialmente, a acção dos nucleos regionaes, chamados aqui «Comissões d'Iniciativa».

D'esse estudo resultou a idéa de se impôr, em Portugal, a essas Comissões um programa geral, tanto quanto possivel susceptivel de condicionamento ao meio e ás exigencias das respectivas regiões.

Ora, são precisamente as bases d'esse

programa geral que venho expôr, como consequencia da missão que me foi confiada e da responsabilidade da orientação que implicitamente m'impuz pelo facto de apreciar, por diversas vezes, este importante assumpto — e tambem para que se não diga que só critico sem, todavia, mostrar a razão porque o faço.



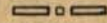
Por uma forma geral, todas as Comissões d'Iniciativa — constituidas legal e eficazmente, com poderes deliberativos dentro das disposições da respectiva lei e do Regulamento que lhe dá execução — devem ter uma séde, onde não só se reunam ameudadas vezes para cumprimento da sua missão, como para facilmente estarem em contacto com tudo quanto d'elas possa depender. Assim, nas sédes d'essas comissões deve haver — com a permanencia que as condições do local exijam — um escriptorio que seja, por assim dizer, o posto d'informações e a agencia de turismo da localidade. N'esse posto ou agencia — cujo pessoal dependerá do movimento a que tiver d'atender — deverá haver um empregado que, sendo nativo e esteja perfeitamente conhecedor da região, fale, pelo menos, a lingua franceza com a correcção necessaria para se fazer comprehender e entender o que n'esse idioma lhe seja transmitido pelos visitantes estrangeiros. É claro que n'esse escriptorio deverão haver todos os elementos elucidativos, inclusivé um guia da região, para que qualquer nacional e, sobretudo, um estrangeiro, possa por ela orientar-se sem necessidade de, a cada passo, ter de se utilizar d'um interprete, ou ser explorado desalmadamente, sem saber os recursos de que pode dispôr para evitar as situações desagradaveis e muitas vezes vexatorias que, em geral, surgem a todo o

visitante quando se acha em terra estranha.

Essa agencia deverá estar em contacto directo e immediato com os hoteis, estações ferroviárias, emprezas de transportes, clubes desportivos e com tudo o mais quanto possa facilitar a visita dos estranhos e a propaganda das belezas e das industrias da região.

Nas terras onde houver Comissões d'Iniciativa, e que sejam directamente servidas por estações de caminhos de ferro, o local da séde da respectiva comissão deverá ser indicado em caracteres bem legiveis e possivelmente em mais de um idioma, na gare d'essa estação, a fim de que o visitante possa, logo ao desembarque, saber aonde tem de se dirigir

para colher informações sobre a forma pratica e comoda de efectivar a sua visita. Assim, apenas terá de resumir as suas perguntas quando chegado ao ponto do seu itinerario.

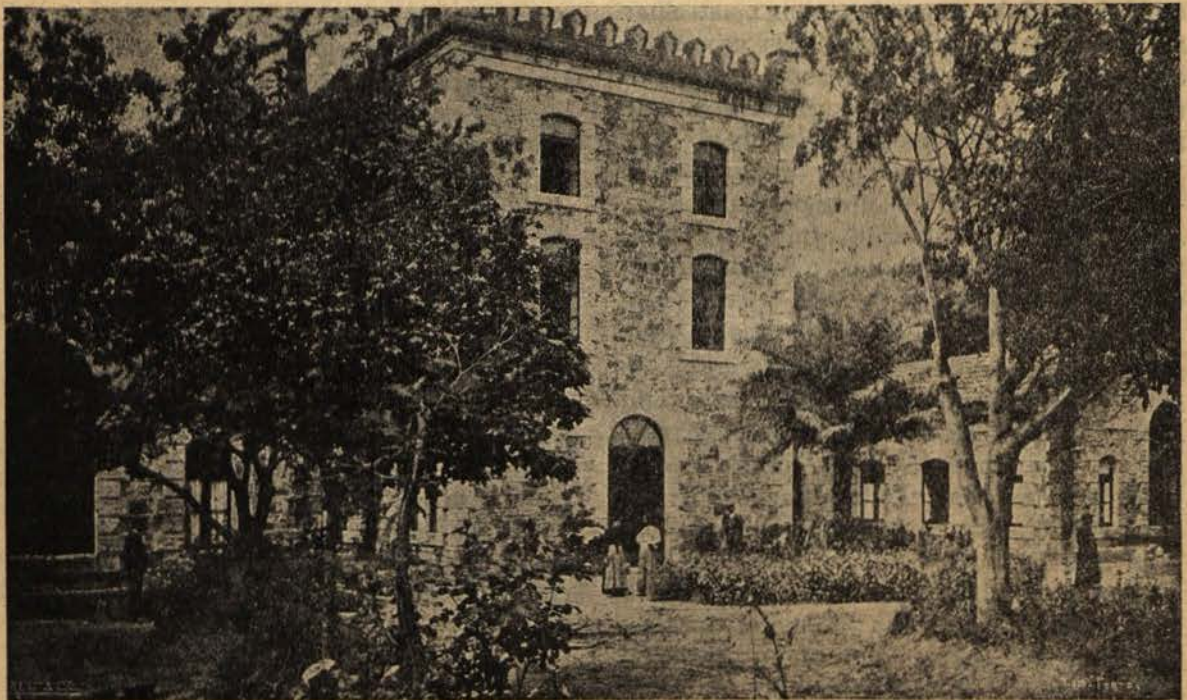


E' esta, sumariamente, a minha opinião quanto ao primeiro ponto a que devem atender as Comissões d'Iniciativa; e ela reflecte apenas o que propriamente diz respeito á séde das mesmas Comissões, na sua multipla missão de escritorio da respectiva comissão, de posto d'informações e de agencia de turismo.

Nos seguintes numeros proseguirei a exposição da minha idéa.

OSÉ LISBOA.

PORTUGAL PITORESCO



CALDAS DA FELGUEIRA — Estabelecimento Thermal



ILUSÕES MINHAS

DE FERNANDA TAVARES DE MELLO

*Pequena!... Foge d'essa sepultura
Enxuga o teu pranto, desgraçada!
Porque choras ahí ajoelhada?
(perguntou-lhe o ancião com ternura)*

*A creança, livida de amargura,
disse: «lhe morrera a mãe idolatrada»
(mostrando-se com a morte revoltada
causadora da sua desventura).*

*— Mais negro do que a morte, nada existe;
nem mais hediondo nem mais triste;
(terminou n'uma expressão dolorida).*

*— Pequena! Lamento a tua sorte;
Mas mais cruel, ainda, do que a Morte,
Ouve — creança!... É a vida.*

PARIS-MARROCOS VIA LISBOA

UM IMPORTANTE PROBLEMA

QUE CONTINUA ESPERANDO SOLUÇÃO

CONTINUA, infelizmente, sem solução, por parte do Governo, a importante questão da supressão da escala do Porto de Lisboa nas carreiras marítimas de Bordeus para Casa Blanca.

Dadas as reclamações que se tem produzido em volta do nosso Ministerio dos Negocios Estrangeiros; e atentas, não só as imperiosas justificações que serviram de base a esses legítimos protestos, mas os enormissimos prejuizos que a actual situação está creando ao nosso Paiz; era de esperar que o Governo Portuguez tivesse já tomado uma resolução que, não afectando o brio nacional, defendesse sobretudo os interesses portuguezes, já fortemente lesados e ameaçados ainda d'um maior gravame nos desastrados resultados que a actual situação aduaneira com a França está fazendo suportar ao nosso Paiz, simplesmente pela completa ausencia de tacto diplomatico havida na precipitada denuncia do *modus-vivendi* entre as duas nações.

Póde-se afoitamente dizer que houve uma manifesta incompetencia nas negociações officias; pois, de contrario, embora a denuncia do acordo comercial entre Portugal e França se tornasse d'uma imperiosa necessidade, esse facto não impedia que, por um lance oportuno de astuta diplomacia, o nosso Paiz ficasse gozando de regalias a troco de concessões que, no fundo, nos beneficiavam directamente, como seria a manutenção das taxas de portagem dos vapores da linha de Bordeus — Casa Blanca e vice-versa, e nas de transito dos passageiros que dos mesmos vapores aqui desembarcassem com destino a França ou n'elles embarcassem com rumo a Marrocos.

Não se procedeu assim; e o resultado não se fez esperar.

Efectivamente, a «Compagnie Générale Transatlantique» suspendeu immediatamente a escala do Porto de Lisboa na carreira dos vapores de Bordeus — Casa Blanca; annunciando-se já que, a não ser de prompto revogado o *statu-quo* actual, dentro de pouquissimo tempo será egualmente suspensa a vinda a Lisboa dos mesmos vapores, no sentido de Casa Blanca — Bordeus; perdendo assim o nosso Paiz a importante corrente de passageiros internacionais que se estava desenvolvendo, pela comodidade que esse serviço offerecia nas suas relações directas com o «Sud-Express».

E' evidente que muito provavel é que as companhias de caminhos de ferro interessadas directamente n'este trafego — que conseguiram atrahir á custa dos mais pezados sacrificios-se desinteressem por completo da circulação diaria do «Sud-Express», visto ela não se justificar já com a abundancia dos passageiros internacionais, e fixem em duas ou trez vezes por semana a circulação do mesmo comboio em Portugal.

É claro que d'esta maneira, o porto de Lisboa, alem de perder a situação privilegiada que a sua posição no globo naturalmente lhe facilitava, deixe de constituir o mais importante concorrente aos portos do Sul da Hespanha, onde a «Compagnie Générale Transatlantique» vae, certamente, encontrar as maiores e mais decididas facilidades para o estabelecimento das comunicações já projectadas pela via Marselha-Algeciras-Casa Blanca, como noticiámos claramente em o nosso ultimo numero, pela pena do nosso querido camarada Guerra Maio.

E, assim, a juntar aos incalculaveis prejuizos Moraes e materiaes que d'uma forma geral esse facto acarreta para Por-

tugal, ha ainda os que o proprio Estado, n'uma apathica inconsciencia, sofre directamente, deixando de usufruir todo o producto dos direitos cobrados a diversos titulos pela vinda a Lisboa dos vapores de e para Marrocos. E não só esses; porque os que lhe eram destinados, directa e indirectamente, pelo transitio dos passageiros internacionaes conduzidos pelo Sud-Express e que representam uma

apreciavel soma, deixam igualmente de existir.

Ahi estão, pois, expressos os resultados funestos de tão *sàbla medida*.

Mas, não haverá alguém que faça vêr ao governo a necessidade imediata e urgente de se modificar esta triste situação, sob pena de perdermos tudo quanto se tem conseguido á custa de inauditos esforços e d'um aturado trabalho de longo tempo ?

O desembarque de passageiros no Posto Maritimo de Desinfecção

SEGUNDO informações que nos foram prestadas, o caes de desembarque no posto maritimo de desinfecção não está sufficientemente policiado, de maneira que os carregadores, com a conivencia d'alguns corretores de hotéis, permitem-se assaltar os indefesos passageiros que ao ajustarem as contas pelo transporte da sua bagagem, se veem descaradamente roubados, sem poderem remediar o mal em que, inconscientemente, cahiram, a não ser... deixarem de cá voltar para não serem novamente logrados.

Alem d'isso, as scenas que a disputa de serviços origina entre os carregadores, são de tal modo edificantes que se torna absolutamente necessario pôr-se-lhes, cobro para que os viajantes não recebam, logo d'entrada, a sensação extraordinaria de estarem n'um paiz muito longe da Europa civilisada.

Para o caso chamamos a especial atenção da Repartição de Turismo; e estamos certos de que a benemerita Sociedade Propaganda de Portugal, logo que tenha directo conhecimento do assumpto, não deixará d'intervir igualmente com uma intensa fiscalisação, a fim de poder, directa ou indirectamente, tomar as providencias que obstem a continuação d'uma tão vergonhosa situação, que só serve para nos

desacreditar perante os que venham visitarnos, na esperança de entrarem n'um paiz civilisado.

Aqui fica, pois, o aviso, e esperamos que ele surta os seus efeitos.

«Revista de Turismo»

Devido a não estar ainda regularisado o serviço dos correios, não podemos mandar á cobrança os recibos de assignatura correspondente ao semestre em curso; e como a falta d'essa cobrança nos ocasiona grandes transtornos, pedimos aos nossos estimaveis assignantes para nos enviarem a respectiva importancia, ou seja Esc. 5\$00, em vale do correio ou carta registada; deferencia que esperamos seja atendida; pelo que nos confessamos, desde já, muito gratos.

A INTERMINAVEL QUESTÃO DAS ESTRADAS EM PORTUGAL

A indole da nossa Revista impunha-se a uma orientação diversa d'aquella que muitas vezes temos seguido.

Essa orientação, consequencia logica do nosso programa, obrigava-nos simplesmente a apreciar e a exaltar tudo quando pudesse enthusiasmar os nossos leitores a seguir-nos em espirito, para, em corpo e alma, apreciarem e exaltarem tambem, os motivos que lhes apresentassemos quando uma oportunidade se proporcionasse para obterem a confirmação do enthusiasmo que lhes tivessemos sugestionado.

Era essa a nossa intenção, d'onde nasceu o programa que traçámos com a consciencia de sabermos o que iamoz fazer.

Porém, a pouco e pouco fomos verificando que essa nossa orientação — que tinha um fim representado duplamente pelos beneficios que d'ela adviriam e pela santa idéa do tornar maior ainda uma patria já bastante grande — não podia seguir-se com a obediencia que lhe queriamos prestar, pois a nossa atenção era compelida para a remoção dos obstaculos que não deixavam vingar essa nossa idéa. E assim, esta publicação tem arquivado, nos seus cento e quarenta e um numeros, além d'aquilo a que o seu programa nos induziu, criticas sobre questões que se apresentaram á nossa apreciação de forma a não poderem ser relegadas para plano inferior, por serem bases de apoio e de desenvolvimento da industria de turismo e com esse precioso fulchro de receita e de felicidade se conjugarem intimamente.

Uma d'essas questões é a que respeita ás estradas de Portugal, assumpto de tal magnitude que se tem imposto á nossa mais especial atenção. Por isso, bastas vezes a ele nos temos referido e hoje novamente vimos apreciarlo.

Não vamos repetir as considerações já por mais d'uma vez reeditadas n'estas columnas.

Limitamo-nos a dizer que o estado geral

d'essas importantissimas arterias é de tal sorte que não se compadece com as medidas expeditivas tomadas pela respectiva Administração, para deitar poeira nos olhos de quem... não quere vêr.

O systema de *tapa misérias* que se está seguindo, não dando resultado algum pratico, só vem agravar o mal.

Em vez de se distribuir a verba votada para as estradas em pequenas dotações, que á força de serem exiguas para as necessidades manifestadas, se tornam caricatas, parece-nos que melhor era aplicar-se a dotação geral em secções, de forma a que, seguindo-se um plano estudado com criterio, se registasse em cada ano beneficios que nunca se apresentarão pela maneira burlesca como se está procedendo.

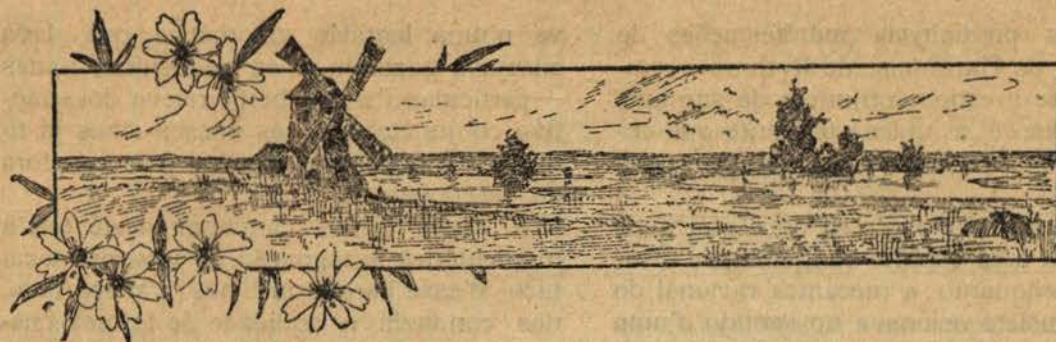
E' absolutamente necessario e urgente que se mude de rumo para que a nação possa ver e apreciar onde e como se aplica a importante verba consignada ás reparações nas estradas, de cujos beneficios tem o maior direito de usufruir.

N'esta dura apreciação não nos move simplesmente o interesse pela industria de que o nosso orgão é o unico defensor, mas o justo e legitimo dever de, como patriotas, exigirmos criterio, ordem, independencia e senso na administração d'um serviço da mais absoluta importancia para a vitalidade da nação.

GUERRA MAIO

ESTE nosso querido amigo e inteligente director do Posto d'Informações que a Sociedade Propaganda de Portugal mantem em Paris, devendo partir brevemente d'essa cidade n'uma digressão pelos paizes escandinavos, reserva para depois do seu regresso áquella capital, enviar-nos as impressões que colheu na viagem que recentemente fez a Marrocos, bem como as que guardará da excursão que, brevemente, vae iniciar.

Saudando-o, desejamos-lhe uma boa viagem.

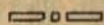


CARTAS DE LONGE

CHRONICAS D'UM TURISTA SENTIMENTAL

ESTAS minhas chronicas, por isso que são d'um *turista sentimental* — como euphemisticamente me alcunham — só podem ser escriptas quando o sentimento m'as dicta. D'ahi, a inconstancia que acusam e, lógicamente, o pouco interesse que poderão despertar.

Isso deriva tambem da sua propria razão de ser.



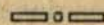
Volvo, porem, hoje, a estampar aqui n'estas amigas columnas, as minhas impressões, que — como já disse — perdendo pela falta de sequencia e d'interesse, somente poderão ganhar pela originalidade e pela *audacia* de que o auctor, assim, dá uma prova exuberante...

Lembro-me que deixei incompleta, a começada chronica sobre uma vilegiatura que o ano passado fiz ao Douro. Justifico, porém, essa falta com o facto do amontoado das impressões que então colhi se ter espalhado de tal maneira que se torna, agora, difficil compol'o para fazer uma descripção com geito.

Assim, guardo alguns pedaços para acrescentar aos que colherei este ano na mesma digressão — que tenciono fazer, se Deus me der vida e saude, para descançar das fadigas quotidianas.

Entretanto, para satisfazer o vicio e a

curiosidade dos meus leitores, vou concretisar em uma simples resenha as impressões colhidas na deliciosa volta que ha pouco fiz, transportando-os assim, em amena companhia com o meu espirito, de quem vão saber essas impressões.



Despertei, uma não muito longiqua manhã, entusiasmado por uma sugestão que me animou em extremo: *Um passeio pelo Vale do Sado*. Soberba idéa que me sorriu sympathicamente e fez com que, aos pronunciados da madrugada, o entusiasmo de a pôr em projecto me abrisse os olhos, n'aquela esperança de saborear todos os antecedentes da viagem; antegozando, ao mesmo tempo, os efeitos panoramicos que esses olhos iriam disfurctar sob o influxo d'um radioso horizonte primaveril.

Eis-me, pois, de pé, sorvendo a largos haustos o perfume inebriante d'uma linda alvorada d'Abril, que uma setinosa brisa transmitia, em estimulante caricia, aos meus impudicos e resequidos labios.

Uma penumbra d'uma suave transparencia envolvia então o azul infinito.

Comtudo, pela aproximação da madrugada, as aves começavam experimentando o gorgeio com que durante o dia haviam de entoar as canções embalantes da Natu-

reza, nas prodigiosas manifestações de Bondade, de Harmonia, de Rythmo — emfim, n'esse mystico conjuncto de suprema beleza, que é a unica atenuante que encontramos para as perfidas agruras d'esta vida.

Assim absorvido n'essa doce quietude da alma, o meu espirito congeminava idealismos, enquanto a mecanica racional do meu esqueleto acionava no sentido d'uma proxima partida. E dentro em pouco, todo o meu ser caminhava por entre o ambiente perfumado pelas emanações da Natureza, ao mesmo tempo que um concerto de deliciosos gorgeios echoava os hymnos matinaes d'uma nova jornada primaveril.

Esta descripção é simplesmente o reflexo da verdade, analysada e apreciada no trajecto de minha casa — n'um ideal arrabalde — para a cidade, onde vim embarcar no vapor que faz a travessia do Tejo para o Barreiro.

O nosso invejavel primeiro rio estava, então, soberbo de magestade — imponente pela calma, atrahente pela grandeza, surpreendente pelo conjuncto de belezas que sempre o envolve e que nunca deixarão de ser apreciadas por todos.

Feliz travessia essa, que foi um optimo complemento do idealismo que o meu espirito vinha de saborear.

A' medida que nos iamos aproximando da margem sul, todo o scenário que á nossa vista se tinha apresentado, se modifica-

va n'uma lentidão automática que dava ensejo a gozarem-se os pequeninos nadas — particulas d'esse soberbo relevo do atractivo conjuncto onde os nossos olhos já tinham repousado, na ancia prescrutadora do desconhecido.

E assim fomos caminhando até que a momentanea estagnação do interior mecanico d'esse barco que nos transportava, nos conduziu á realidade de termos chegado ao ponto terminus da nossa travessia maritima.

Barreiro — Eis-nos pois em demanda da carruagem onde iriamos — eu e mais dois bons companheiros — arrumar os corpos para a realisação da idéa feliz que já nos tinha proporcionado um prólogo de alegria, de intimo regosijo, de boa satisfação.

Estava, por assim dizer, representado o primeiro acto d'essa peça instructiva que escolheramos para these d'esse nosso feliz dia, cujo scenario variava em mutações interessantes.

Como esta descripção tende a excesso de comprimento, não podendo por isso caber dentro do limite que nos foi prescrito, proseguirei no proximo numero para não abusar assim da paciencia de ninguem: nem da Direcção da Revista, nem dos seus leitores, nem da minha — que, talvez, devido á carestia da vida, se exgota facilmente.

MARIO DE MONT'ALVÃO

A «REVISTA DE TURISMO» é a unica publicação especialmente consagrada ao turismo em Portugal e, por isso, o seu órgão officioso na imprensa portugueza.

Ela deve sêr, portanto, o porta-voz das Comissões d'iniciativa, que obrigatoriamente lhe devem prestar todo o concurso moral e material, para que a mesma Revista possa e deva cumprir bem a sua missão de patriotica defeza dos interesses das mesmas Comissões d'Iniciativa, que se reflectem directamente no esplendor das belezas de Portugal.

Sociedade Propaganda de Portugal

RESUMO DAS RESOLUÇÕES TOMADAS PELA COMISSÃO EXECUTIVA NAS SES- SÕES REALISADAS NO MEZ D'ABRIL

PROPAGANDA DE PORTUGAL

Tendo sido registada, com o maior agrado, a visita do Ministro da Suíça junto dos Governos Hespanhol e Portuguez, foi deliberado ratificar-se a combinação feita entre a Sociedade Propaganda e o «Office de Tourisme Suisse», para a reciprocidade de propaganda dos dois paizes.

— Registou-se o convite feito pela redacção do jornal «O Escoteiro», para a Sociedade Propaganda colaborar n'essa publicação, fornecendo artigos ilustrados com gravuras de monumentos e pontos interessantes do nosso paiz, como meio de propaganda; tendo-se resolvido corresponder a esse convite na medida do possível.

— Registou-se igualmente a edição feita pelo «bureau» de Paris, com o auxilio da Camara de Comercio Portugueza n'aquella cidade, d'uma pequena monografia de reclame sobre o Porto e arredores, illustrada com interessantes gravuras.

— Foi devidamente apreciada a informação fornecida pelo director do «bureau», de Paris, de ter conseguido que a bordo dos vapores da «Compagnie Général Transatlantique» que fazem a carreira entre França e Marrocos, sejam creadas pequenas bibliothecas portuguezas.

— Foi resolvido fornecer-se ao agente em Lisboa, dos vapores italianos que fazem a carreira entre a Italia e a America do Norte, com escala pelo nosso porto, o material de propaganda sobre as belezas do nosso paiz, para reclame a bordo dos mesmos vapores, que seja possível a Sociedade poder editar.

CONFERENCIAS E EXCURSÕES

A Comissão Executiva, no intuito de facilitar aos seus consocios não só o gosto pela vilegiatura, mas tambem o conhecimento mais directo das nossas belezas e das riquezas que constituem o patrimonio nacional, resolveu — como ja noticiamos — promover diversas excursões scientificas pelo paiz, sob o patrocínio da Sociedade de Geografia, afim de que essas excursões possam produzir os fins que se tem em vista.

N'esta ordem d'ideias, ficou tambem assente estudar-se com a mesma sociedade o programa das excursões, que devem ser iniciadas na proxima epoca estival.

Seguindo a mesma orientação foi resolvido fa-

zer-se uma serie de conferencias sobre o turismo em Portugal, no intuito de despertar o interesse dos nacionaes sobre o desenvolvimento da preciosa industria de turismo, estimulando o desejo de colaboração n'essa grande empreza, que se impõe como uma absoluta necessidade patriotica.

N'este sentido resolveu-se convidar o sr. Pestana de Vasconcellos para expor, n'uma conferencia especialmente destinada aos socios da Propaganda, o resultado da missão de que foi incumbido, de representar a mesma Sociedade no Congresso Internacional de Hotelaria, realiado em Nova York no fim do anno passado.

Assentou-se tambem em se investigar da existencia dos nucleos regionaes existentes em Lisboa, como os gremios Beirão, do Minho, Transmontano e Alemtejano, a fim de, n'um interesse reciproco, estreitarem relações com a S. P. P. e colaborar em n'essas conferencias, que resultariam duplamente interessantes.

DELEGAÇÃO EM EVORA

Foi resolvido estudar, d'acordo com as indicações do representante da S. P. P. em Evora, a constituição ali, d'uma delegação da mesma sociedade, o que muito facilitará a missão de propaganda e as suas relações com a Comissão de Iniciativa.

MELHORAMENTOS NAS CALDAS DA RAINHA

Foi apreciado o officio da Comissão d'Iniciativa das Caldas da Rainha, solicitando o patrocínio da Sociedade de Propaganda junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes para, aproveitando a oportunidade das modificações que se estão fazendo na estação d'aquella localidade, se collocarem n'ela uns «panneaux» em azulejo com vistas regionaes, semelhantemente ao que se encontra já em diversas estações das linhas do Norte; e se obter, tambem, uma pequena divisão na mesma estação, onde se instale um escritorio d'informações, ou a cedência d'uma limitada parcela de terreno onde aquella Comissão d'Iniciativa faça instalar um pequeno pavilhão destinado aquele fim.

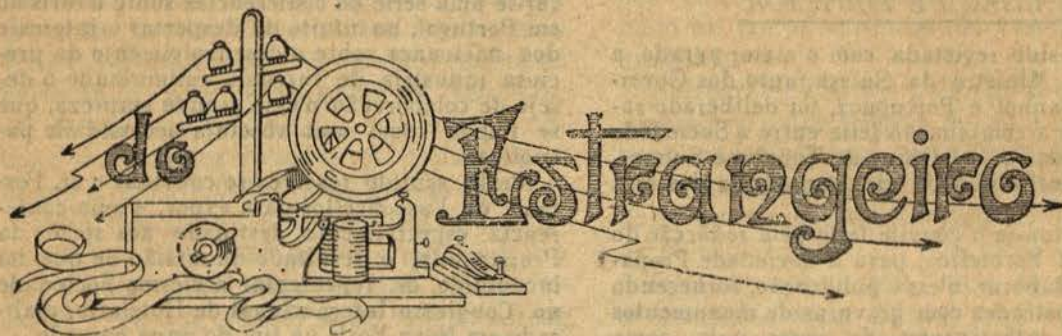
A Comissão Executiva, tendo dado o seu mais

caloroso apoio a essa idéa, resolveu prestar o seu melhor concurso para que ela se efective de harmonia com os desejos expressos pela referida Comissão d'Iniciativa.

CAMINHO DE FERRO LISBOA-SEVILHA

Em vista do convite que foi dirigido para a Sociedade Propaganda se fazer representar na

conferencia demonstrativa pelo jornalista hespanhol D José Vasquez sobre as vantagens do estabelecimento da linha directa Lisboa-Sevilha, a seguir á qual os nucleos portuguez e hespanhol assentaram nos meios de se conseguir tão benefico emprehendimento, foi resolvido confiar-se a representação da Sociedade ao consocio D. Ramon de la Feria, com a missão de relatar os resultados d'essa conferencia.



CARTA D'ITALIA

Roma, começo d'Abril de 1924

Aqui estou hoje, de novo, com um duplo entusiasmo: — primeiro, por prestar um embora insignificante concurso á nossa *Revista de Turismo*, cuja obra é assignaladamente extraordinária por persistencia e por patriotismo; segundo, porque — como de resto acontece a tudo quanto a mesma Revista prevê, que tarde ou cedo é confirmado — posso constatar a mais cabal confirmação á sumula da minha ultima carta, publicada em o numero da Revista referida a Agosto de 1923.

Ih! — ha tanto tempo que já não vos escrevia!

Mas — vamos ao que importa, que é o caso ultimamente mais apreciado como *politica turistica* — se me é permitido — mesmo *malgré moi* — servir-me d'esta forma de me expressar...

Seja.

Proseguindo na idéa fixa de exercer um papel preponderante na politica d'atração do mundo inteiro para a Italia, o Tou-

ring Club Italiano, cuja ação se vem desenvolvendo por uma forma bem evidente, acaba de iniciar a publicação d'uma grande revista mensal, impressa com o mais cuidadoso luxo, a que deu o sugestivo titulo de «*Le vie d'Italia e dell'America Latina*», na qual, tentadora e habilidosamente, é feita a descripção das condições que este *paesi* oferece para uma vilegiatura, as atrações que proporcionam as suas originaes cidades, a riqueza dos seus museus, monumentos e dos factos historicos cujos vestigios constituem hoje a maior preciosidade do patrimonio italiano.

Esta nova revista é unica e exclusivamente destinada aos povos da America do Sul; sendo por assim dizer, um dos primeiros e mais importantes numeros do programa que foi adoptado para a propaganda italiana no Sul do novo continente, a que uma linha de navegação, dotada de excelentes vapores italianos, dá o mais directo e vantajoso complemento.

Pois bem. Para se avaliar a boa tatica com que é habilmente trabalhada esta propaganda, basta dizer que, segundo o que na nova revista se acha escrito, o

seu especial fim é consolidar e augmentar os laços da maior amizade e de grande sympathia entre a Italia e os paizes da America latina; levando-lhes, por intermedio das suas descrições, o reflexo da civilisação de que a Italia se considera hoje a mais legitima detentora.

Não contestamos. Mas esta afirmação faz-nos lembrar aquella jocosa philosophia d'um auctor portuguez:

Presumpção e agua benta cada um toma a que quere.

Adiante.

Ora, aqui sabem fazer bem as coisas; e, assim, a Direção do Touring Club Italiano, dirigiu á sua congènera do Uruguay, acompanhando um exemplar do primeiro numero d'essa interessante revista, uma carta em que, como disse Eça de Queiroz — *o manto diáphano da phantasia encobre a nudez forte da verdade*; e esta está muito diplomaticamente subentendida no seguinte periodo d'essa ditosa carta: «Este nosso programa (o de expansão na America latina) tem como principal objectivo fins praticos, favorecendo a multiplicação das relações moraes e materiaes entre os nossos respectivos paizes; tendendo, por certa maneira, a integrar na Europa e especialmente em Italia, a obra nobre e fecunda que cada uma das instituições analogas da America do Sul desenvolve no seu paiz...» etc.

Para confirmação do que dissémos nas anteriores cartas, basta esta citação.

Ora, a nós, não nos deve mover, nem comover, o que os outros façam para a defeza dos seus interesses. Acho, até, muito justo que cada um procure *chegar a brasa á sua sardinha*. O que me entristece é vêr que, tendo nós — portuguezes — tido o trabalho de descobrir a America, por mar, e o caminho aereo para lá se ir com rapidez e segurança, o que nenhuma outra nação fez — sejam os outros que estejam usufruindo das regalias que, embora não fossem só para nós, nos deviam pertencer na maior quota-parte.

... Mas — em boa verdade — os outros é que não teem culpa nenhuma que nós

só cuidemos de... politica — d'essa grande porca — como disse Bordallo Pinheiro.

E, assim, n'esse desprendimento das coisas do Mundo que nós temos manifestado em grandes, enormes periodos da nossa vida, vamos consentindo que os outros tomem o nosso lugar, recolham os beneficios e só nos deixem o ar livre para respirar, porque n'ele não ha habitantes a cathechisar...

Ponham todos os portuguezes os olhos na extraordinaria ação que se desenvolve em todos os ramos d'esta Italia cantante, ridente, energica, patriotica e bôa; sirva de exemplo — no que toca à atracção pela preciosa industria de turismo — a intelligente diplomacia com que, auxiliado por todos os bons patriotas, o Touring Club Italiano está secundando por forma admiravel a obra eminentemente nacionalista em que todos — absolutamente todos — estão empenhados para o rapido rejuvenescimento d'este paiz, para a valorisação de tudo quanto constitue um factor na sua vida, na sua arte, no seu patrimonio, no seu comercio, na sua industria — emfim: em todas as manifestações da sua apreciavel actividade!

É esse o meu mais vehemente desejo de portuguez; e por isso não deixo nunca de prestar o meu modestissimo concurso para a realisacão d'essa obra, a que a *Revista de Turismo* tem pago um justo tributo com uma persistencia e tão extraordinarios esforços, que — constituindo quasi um milagre — representam o maior padrão de gloria da sua já longa e honrada vida.

Bem haja quem tão bem tem sabido comprehender e interpretar o seu dever patriotico.

J. C.

Não podemós deixar de significar publicamente ao nosso muito presado amigo e obsequioso colaborador que, mesmo bem distante, não se esquece da nossa ardua tarefa, os nossos mais rendidos agradecimentos pelas gentilezas e boas palavras que mais uma vez nos dirige e que, sendo devidas á muita sympathia que a «Revista de Turismo» lhe tem inspirado, nos servem sempre de lenitivo ás agruras que ela tem combatido e d'incitamento para continuarmos n'esta ingrata senda.

JORNADAS EM PORTUGAL

POR ANTHERO DE FIGUEIREDO

.....
VERDURA tenra em campos pequeninos, que vão até á orla de pinhais ralos por onde entra o sol, listrando de latão chãos de fetos e de caruma; bouças que, depois, sobem a colinas brandas como se seus pinheiros se quisessem empoleirar para de aí ver melhor e melhor sentir a beleza e a paz dos lameiros afogados em matizes verdes; raras manchas brancas de casais onde a quietação mora; vales que, ao cair do dia lá em baixo, se vestem, para o sono nocturno, com o hálito dos ribeiros, que se alastra e em que se condensam, á boquinha da noite, as badaladas das Avé-Marias, acendendo em cada alma a candeia religiosa da oração; hora a que, no alto dos montes se acinzenta e esmorece, no lusco fusco do entardecer, a pincelada clara das ermidas solitárias; — todo o Minho é simples como levada, pacífico como sombra de carvalheiras, e tem ingenuidade seus murinhos de quatro palmos, a dividir herdades pequenas como a palmo da mão, a dizer-nos que essa terra é de muitos e que os mais pobres possuem, pelo menos, um naco de broa e uma malga de vinho.

O coração do Minho, entre Bougado e Famalicão, não tem serras nem altas montanhas, mas sim pequenos montes, amáveis outeiros, suaves encostas. O seu maior rio, que segue entre campos baixos orlados de amieiros, chama-se Ave; e, se quisesse, podia, na verdade, voar, tão leve é. Os açudes são degraus de espuma; e a sua água, que a caleira das azenhas sorve, não consegue dar mais andamento á grande roda, musgosa e morosa, a gemer e a gotejar, do que o tem o rodar sonolento dos carros de bois, ao longo das estradas. A sua frescura é feita com ribeiros, regatos, veios de água clara, para regas de milheirais e de feijoais, cu, quando

empoçada, para lavar as roupas de linho, de estôpa, de tomentos, e ainda as chitas de côres: — vivazes como, em Agosto, o riso das romãs abertas; berrantes como, nos arraiais, trovas á desgarrada.

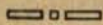
No inverno, com as árvores despidas e extensos prados de erva tenra — o Minho é todo verde; em Março, com os valados vestidos de giestas floridas, as bouças tapetadas de tojos em flor e os campos cobertos de pampilos — o Minho é todo amarelo.

Na primavera, a seguir ás podas, que limpam as arvores e varrem o ar, os campos, esperando novas sementeiras, enchem-se das flores amarelas dos pampilos, das roxas soagens, do trevo côr de mosto e do azul descórado dos miosótis bravos, que vistos de longe, parecem geada. Depois, depois veem as lavras em que os bois barroços, de pontas em lira, mansos, a lamber as beijas e a espanear as caudas, contentes com a toada da cantiga do boieiro jovial que os conduz, aram, com charruas leves, terras escuras adubadas com aquelas flores. Rezam-se ladainhas sobre os campos para que as sementes germinem depressa e produzam bem — elas que, na cesta, antes de serem lançadas á gleba, foram bafejadas pelo hálito santo do boi, para levar para o seio da terra, o calor espiritual da sua bondade que as desdobrará em abundância e as florirá em beleza — tal qualmente o milagre do centeio que mais forte vem se o semeia uma virgem de nome Maria. Rebentam peireiras, pecegueiros e macieiras, em flores de neve e de rosa; trolhas dão mãos de cal nos rostos das casas, e de vermelho nos beirais onde andorinhas virão, em breve, fazer seus ninhos; e, no estio, se alastrarão, largas como mãos liaes, as fôlhas palmares e verdes da cepa que sobe ao longo do cunhal. Abril finda, entre flores, anunciando frutos.

Chega Maio : e de cada buraco de valado, ou fenda de penedo irrompem tufos de saramagos, de flor branca e miúdnha ; e nas giestas duras desabotoam-se mil pequeninas pétalas, buliçosas como borboletas, amarelas como as gemas dos ovos cozidos dos folares pascoais. Então não ha peitoril de janela, ferro de varanda, padieira de forno, pipo, tonel, jugo de bois, timão de carro, tejadilho de diligencia, corte de gado, nabal ou linhar que se não enfeite com as flores das giestas — a flor predilecta do Maio triunfante sobre o outono morto e o inverno arrefecido, flor propiciadora que trará fartura ao casal e defenderá a vida precária das creanças, dos anhos, bezerros e dos bacorinhos.

Chiam os alcatruzes das noras, para tirar as primeiras águas das regas ; nos pinhais, andam rapazes ás pinhas e velhas aos gravetos ; e num lameiro próximo, uma moça, de saiote encarnado, cantando, séga a erva húmida dos pastos. Nos soitos, ha tábuas amarelas, ensarilhadas, a secar ; na ourela de um pinhal, um carro de bois carrega-se de mato tenro para as cortes dos animais. No alto dos montes, entre urzes verdes-escuras, as lascadas brancas das pedreiras parecem exóticos lotus colossais que, por maravilha, viessem, dos rios do Oriente, medrar aqui nos cabeços d'estas terras occidentaes e sêcas ; e brancas são tambem, como toalhas, as meadas de linho a córar no outeiro.

! O linho, o querido linho a quem o minhoto quer mais que tudo — a quem estremece ! Poderá deitar fora, como coisa que não presta, um pedaço de sêda, de damasco ou de veludo ; mas um farrapinho de linho, por mais pequeno e sujo que seja, esse guarda-o preciosamente para com elle forrar a rôlha de um batoque, ou pensar uma ferida, desfazendo-o em fios.



! Triste linho, o que ele padeceu para chegar a ser branco e útil ! Seu corpo de mártir subiu um calvário e foi pregado numa cruz, para sofrendo e apurando-se,

dar-se a Deus, servindo os homens. Foi semeado, arrancado, ripado, curtido secado, malhado, moido, espadelado, sedado, fiado, ensarilhado, meado, cozido, córado, dobrado, novelado, urdido e tecido.

Certa manhã de fins de Abril, numa lua nova — lua forte — depois de lavrada uma terrinha fundável, sólheira e de fácil regadio ; depois de bem gradada. primeiro com os dentes, seguida com as costas, e limpa da felga, semeia-se a linhaça, borrifada das mãos da moça para a terra, que a recebe com gôsto.

E' regada ; em Junho, emerge verde e tímida, e, pouco adiante, pelo Santo Antonio, o linho sorri na terra, mas êste sorriso vem laivado de chôro : — a sua flor, de azul celeste, é tão frágil que a menor viração a quebra, e o seu destino, vê-se, é viver a correr. E este foi o primeiro e ultimo brincar de uma adolescencia passageira.

Começam agora para o linho os durissimos trabalhos da vida, os sofrimentos de toda a hora, os martírios sem nome. Queimada sua flor pelos calores do estio, a haste amadurecida, uma tarde, entre vizinhos e amigos, o seu corpo sêco é arrancado da terra para passar a um ripanço onde se aparta, para sempre, da baganha, sua fraternal amiga, que, nas eiras, á ardência do sol, estala de saudade. Em seguida, durante dois quartos de lua, o linho, em aguadouros, é enriado na corrente de uma ribeira. O seu cadaver macerado não ouve os insultos dos que adoeceram por beber, descuidadamente, essa agua venenosa onde ele se curtiu. Enxovalhado, desfigurado, tiram-no do rio e põem-no, num campo, em estendal, a secar. O sol não o reconhece. Mas, Deus sábio e forte, sabendo, de antemão, todo o giro de dôr que o linho tem ainda de percorrer na vida, diz-lhe grandes palavras de calor e de luz, ressuscita-o e avigora-o, dando-lhe tenacidade ás fibras, enrijecendo-o, encorajando-o. Ele lutará, ele vencerá.

Então, em horas abertas de calor ardente, o linho é malhado todo o santo dia, inclementemente, com manguais de

carvalho, duro como ferro, batendo-o com pancadas cavas que fazem estremecer os corações.

Não satisfeitos, os homens levam-no de ahi, em mólhadas, a um engenho onde o trituram, quebrando-lhe os ossos. Depois, — numa eira, ao som de violas, harmonios e requintas, e por entre descantes de mulheres garridas, sentadas em redôr, sob o luar que meigamente as empalidece — mãos femininas o tomam, em manadinhas, fixam-no de encontro ao cortiço, e de novo o açoitam com espadelas, de lâminas quasi cortantes, que o limpam das fibras mais grossas e ásperas, dos tomentos — os seus pecados. Matracam rítmicamente as espadelas; os risos brincam nas faces das moças enamoradas; e, á desgarrada, entre cantadores e cantadeiras, ao som de cavaquinhos, esfusia o amor, escondendo-se em palavras disfarçadas, desprendendo-se em remos vivos, denunciando-se em arrufos e ciumes. Já os serandeiros, com as caras encobertas e falando de mudado, intrigam amores, em quanto as conversadas tiram das algibeiras a maçã que trouxeram escondida para oferecer ao derriço, como prêmio augusto destas rústicas côrtes de amor. E as espadelas batem, batem; e o linho sofre, sofre.

Mas ainda isto não é suficiente. Um tormento maior o espera: o sedeiro — infernal instrumento de mil bicos de pregos afiados, por onde o seu corpo vai ser passado, rastelado, assedado, separando a estôpa e a estopinha, até ficar como cabelo, transformando-se em espiga fôfa e brilhante, tal qual os fiados do ouro das fadas e das lendas.

Agora tomam conta dêle mãos carinhosas de velhas, de cabelos brancos e faces encarquilhadas, que o põem em arejada roca, e, condoidas, tratando-o como filho, de noite á lareira, de dia á porta dos casais, ou nas courelas a guardar o gado, beijando-o e torcendo-o, entre os seus dedos ensalivados, o recolhem, em maçaroca, no fuso que rodopia, sibilando a sua cantiga feita de palavras de aragem. Este meigo contacto foi um momento de

alívio que lhe fez minorar a pena de se sentir torcer. A velhice, comovida e prudente, tratou-o com relativo carinho. Essas mãos cansadas o passam da maçaroca para a meada que um sarilho alegre recebe.

NOTÍCIAS DIVERSAS

CAMINHO DE FERRO DE PENAFIEL

Á LIXA

Foi publicado no «Diário do Governo» um decreto dando como caduca a concessão feita á Companhia do Caminho de Ferro de Penafiel á Lixa e mandando abrir concurso para a mesma concessão.

Muito embora esta linha seja duma relativa importancia para o turismo, fazemos votos para que a sua exploração continue, mas sob normas diferentes de maneira a poder assegurar um sensível beneficio para a região que atravessa e que é abundante de aspectos atraentes.

UMA UTIL INDICAÇÃO

Dentro da gare da estação do Rocio na parede onde estão instaladas as portas de sabida da mesma gare, acha-se exposto um quadro com uma planta de Lisboa, na qual estão marcadas, por traços distinctos, as zonas em que, pelos preços da tabela indicada no mesmo quadro, é feito, por carregadores avulsos, o transporte das bagagens dos passageiros.

«REVISTA DE TURISMO»

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

Portugal—Cont. — semest.	5\$00
Ano.....	10\$00
Colonias—ano.....	15\$00
Estrangeiro—ano.....	20\$00
Numero avulso	1\$000 réis (1\$00)

Composto e Impresso no CENTRO TIPOGRAFICO COLONIAL—Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 27 — (Antigo Largo d'Abegoria)